ANNO 4.º

Sexta-feira, 3 de Novembro de 1911

NUMERO 194

O DEMOCRATA

SEMANARIO REPUBLICANO RADICAL D'AVEIRO

ASSIGNATURAS (pagamento adiantado)

Anno (Portugal e colonias)	1$200 réis
Semestre	600 réis
Brazil e estrangeiro (anno) moeda forte	2$500 réis
Avulso	20 réis

REDACÇÃO E ADMINISTRACÇÃO, R. Direita, n.º 108

DIRECTOR E EDITOR — ARNALDO RIBEIRO

Propriedade da Empreza do DEMOCRATA

Officina de composição, Rua Direita—Impresso na typographia de José da Silva, Praça Luiz de Camões

ANNUNCIOS

Por linha	40 réis
Communicados	20réis

Annuncios permanentes, contracto especial.

Toda a correspondencia relativa ao jornal, deve ser dirigida ao director.

DOCUMENTO HISTORICO

Reproduzir o relatorio que foi presente ao Congresso de Lisboa pelo secretario do Directorio que fez a revolução, afigura-se-nos da maxima importancia visto como por todos os bons e sincéros republicanos deve ser considerado um documento historico.

Foi elle commentado e discutido; approvado por uns e reprovado por outros. Nem por isso deixa de ser o que é, nem de ter a significação que entendemos dever-lhe dar.

Eil-o, portanto:

No congresso do Porto, pelo decorrer dos debates, todos ficaram comprehendendo que o Directorio se occupava activamente do acto revolucionario que teve o seu epilogo em 5 de outubro.

Ali foi proposto e approvado que uma missão se dirigisse ao estrangeiro para se informar do modo como sería recebida a implantação da Republica em Portugal. Tornava-se isto de toda a vantagem, não só para desfazer lendas que a monarchia tendenciosamente formara e alentara em seu favor, mas ainda para bem conhecermos das condições em que a enorme divida publica creada poderia influir na lucta que queriamos travar. Pela escusa do sr. dr. Bernardino Machado, tambem indicado no congresso, realisaram essa missão os srs. José Relvas e dr. Magalhães Lima, com o exito, abnegação e brilho que todos conhecem. D'ali trouxeram a segurança de que uma revolução *organisada*, isto é, sem grandes perturbações, seria vista com simpathia, ou, pelo menos, sem hostilidade; e que, pelo contrario, violenta e anarchica, teria como provavel consequencia uma intervenção. Mas, em todo o caso, veiu a certeza de que os meios politicos, tanto em França como em Inglaterra se desinteressavam da realeza propriamente dita, e que respeitavam o principio de direito internacional que dá a cada povo a absoluta liberdade de escolher a fórma de governo porque quer reger-se.

Por aqui se póde julgar da grave responsabilidade que pesava sobre o Directorio no movimento revolucionario a que tivésse de dar a sua sancção. Emquanto uns queriam contar, sobretudo, com o elemento civil, entendiam outros que o movimento militar, era preferivel, concorrendo o elemento civil apenas subsidiariamente, na medida do que fôsse necessario. Este era o modo de vêr do Directorio; n'este sentido dirigiu os seus esforços, e os factos justificaram a sua orientação.

Os trabalhos, como é de prever, foram demorados e acidentados. A uns era necessario moderar impetos que se tornavam perigosas imprudencias; a outros era indispensavel estimular e arredar scepticismos que compromettiam as melhores boas vontades.

Houve adiamentos, e dois, sobretudo, notaveis, por estar tudo preparado e serem determinados por acidentes supervenientes á ultima hora:—Os de meados de julho e agosto. Escusado é acentuar a dôr e o desespero que lançaram no alanceado espirito dos que tão anciosamente esperavam o acto salvador.

Mas impunha-se a necessidade de evitar um movimento que não désse bastantes garantias de exito, porque o duello era formidavel, e se, vencidos, vencida ficava a Republica por tempo indefinido, com sacrificio dos vitaes interesses da Patria Portugueza.

Uma das difficuldades a vencer era arranjar dinheiro. Uma revolução não se faz sem elle; é o nervo da guerra. Tentou o Directorio arranjal-o por intermedio de uma commissão financeira que especialmente nomeou para o caso. Mas, tendo fracassado essa commissão, resolveu o Directorio arranjal-o directamente. Não foi empreza facil, por varios motivos; comtudo, teve a fortuna de alcançar a quantia necessaria para ocorrer a todas as despezas, incluindo compra de armamento, e poder affirmar com orgulho que o acto revolucionario não veiu a custar *um real* ao thesouro publico.

Finalmente, preparado um forte nucleo militar (exercito e marinha), apoiado por grupos civis que mereciam a confiança dos respectivos chefes, foi a revolução marcada definitivamente para a noite de 3 para 4 de outubro de 1910.

No dia 5, pela manhã, nas janellas da fachada principal do municipio de Lisboa, e entre os aplausos da multidão, o Directorio, pela boca do seu secretario, em nome do povo republicano e das forças victoriosas de terra e mar, declarou abolida a monarchia e proclamada a Republica.

Impossivel seria descrever todos os acidentes, quer do acto revolucionario, quer da sua preparação. A historia, porém, far-se-ha um dia, mais ou menos completamente.

E, na impossibilidade de apontar nomes, sem sermos forçados a injustas omissões, seja-nos permittido lembrar que bem merecem da Republica os que na revolução tomaram parte, e que á memoria dos que morreram n'ella devemos o culto da mais elevada consagração.

Proclamada a Republica, estava realisada a missão suprema que o partido republicano se impuzera atravéz tantas luctas e sacrificios. Opinaram, por isso, alguns, que elle devia dissolver-se. De parecer contrario foi, porém, o Directorio e a junta consultiva, porquanto era necessario consolidal-a pela unificação dos esforços e fazer os trabalhos necessarios para que as Constituintes representassem bem nitidamente a idéa republicana.

Harmonicamente com esta resolução, continuou-se a organisação partidaria, tendo-se formado muitas commissões locaes e centros, que, na maioria, sustentam escolas.

O presente congresso deveria ser realisado em abril; mas alvitraram as commissões de Lisboa, e depois as de outros pontos do paiz, que, por causa dos trabalhos eleitoraes, seria conveniente adial-o.

O Directorio e a junta consultiva concordaram com o alvitre, e, por isso, foi resolvido que o congresso reuuisse depois de discutida a Constituição. Eis porque só agora aqui nos encontramos. Deveriam n'elle tomar parte sómente as agremiações republicanas antes de 5 de outubro, ou as que foram tambem formadas posteriormente? Houve argumentos pró e contra; mas resolveu-se em sentido affirmativo, seguindo a corrente partidaria que parecia dominante.

O acto eleitoral realizou-se com o brilho e enthusiasmo que todos conhecem. A escolha dos deputados fez-se segundo a lei organica, e na sua sancção intervieram, conjunctamente, o Directorio, a junta consultiva e o governo provisorio.

Deve ficar registado que o Directorio e a junta consultiva collaboraram sempre em todas as resoluções importantes da vida partidaria.

Finalmente, o Directorio, ao depôr o seu mandato, e dando assim por terminada a sua missão, agradece a todas as agremiações republicanas a confiança com que o honraram e tem a satisfação de affirmar que, honesta e conscienciosamente, dedicou o melhor dos seus esforços á revolução e á Republica.

O Directorio do partido republicano portuguez.

Cruzador "S. Raphael,,

Promovida pelo patriotico Batalhão de Voluntarios foi iniciada com o melhor exito uma subscripção para occorrer á compra d'um novo vaso de guerra que substitua este, encalhado em Villa do Conde quando fazia o policiamento da costa por môr dos *paivantes*.

Em reunião hontem á noite realisada no Centro do alto da rua de José Estevam ficou tratado alargar essa subscripção o mais possivel, devendo para isso organisar-se um bando precatorio aqui, em Ilhavo e n'outras partes onde seja possivel obter-se qualquer quantia por mais insignificante que seja.

Applaudimos a ideia collocando-nos inteiramente ao dispôr da commissão que a concebeu, constituida pelos cidadãos Carlos Mendes, Antonio Villar, José Pinheiro Palpista, Manuel Bernardes da Cruz e Antonio Maria Duarte.

SYNDICANCIAS

Lêmos algures que os empregados do caminho de ferro, no Porto, foram ao sr. governador civil solicitar a publicação do relatorio da syndicancia ha tempos feita áquella companhia. Se esse relatorio não apparecer serão por elles publicadas, em pamphleto, as graves irregularidades de que teem conhecimento.

Estamos na mesma resolução, com respeito á syndicancia feita á camara municipal d'esta cidade, de que ninguem deu conta até hoje, assim como á das Obras Publicas, que iniciada ha mais de seis mezes, só sabemos que todos os 30 dias é feita uma folha d'ajudas de custo, para o syndicante, que varía entre 40 a 50$000 réis!

Isto póde lá ser?!...

Então vamos de mal a peor?

Chamamos a attenção para estes factos, do sr. goverdador civil.

Como estão as cousas é que não pódem continuar.

Ministro do Fomento

E' esperado hoje em Aveiro ás 2 horas da tarde, vindo do Porto, o sr. dr. Sidonio Paes, que vem inteirar-se da necessidade d'alguns melhoramentos que lhe foram solicitados pela camara municipal e outras entidades d'aqui.

S. ex.ª regressa á noite a Lisboa.

Coisas & tal

O destino

E' assim epigraphado um *suelto* do nosso collega *O Povo*, de Vianna do Castello, que d'esta maneira escreve:

«Dizem de Hespanha, que o Homem Christo armou ultimamente em chefe d'uma guerrilha couceirista.

Coragem? não. Aquillo, é só por prazer de andar armado—dos pés á cabeça.

Pobre animal!... Todos lhe dão no *vinte*...

Arrazoado

Um jornal da localidade, dos que mudam de nome com a mesma facilidade com que nós costumamos mudar de camisa, não tendo levado a bem que n'um innofensivo *suelto* puzéssemos em destaque a sua rapida transformação, atira-se-nos com uma tal furia, que se não deixou a perder de vista o proprio S. Thiago quando se foi aos mouros, pouco lhe havia de faltar...

O que faz a mocidade e... o destino quando os grandes cerebros, postos ao serviço das grandes causas, se trasformam em poderosos explosivos, para redimir a... Humanidade...

Mas quem nos manda a nós, que já temos cabellos brancos, caçoar com os rapazes?...

E esta?

No dia 30 de setembro findo, aquelle destinado á *restauração* da pôdre monarchia, como consequencia do *infallivel* resultado da grande revolução no Porto, que abriria as portas do paiz ao celebrado *general* Paiva Couceiro e as da cadeia da Relação, aos conspiradores d'esta cidade ali presos, a esposa d'um d'elles, ao receber na manhã d'esse dia, em casa, o pão para o consumo diario, pediu ao padeiro para deixar mais uma determinada porção—*porque era n'esse dia preciso*...

Na casa d'outro, estavam em linha d'atiradores as garrafas de vinho espumoso, que tambem n'esse dia, como consequencia da vinda do chefe da casa, deveriam entrar em... acção!...

A primacial acção porém, é que foi mal executada, por falta de pessoal habilitado, e a comedia cahiu vergonhosamente, pateada e assobiada pela nação inteira.

Fraca sorte

O individuo que foi posto em liberdade e recapturado, encontrou no Aljube, onde foi recolhido, dois outros que, apparentando-se monarchicos e presos por conspirarem, de tal fórma se insinuaram no animo d'esse imprevidente infeliz, que conseguiram d'elle toda a narrativa do plano a realizar no famoso dia 30 e projecto da libertação dos presos, inclusivé da sua pessoa.

Afinal os monarchicos eram dois *carbonarios*, com o encargo de confessarem o fallador inconsciente...

Pouco lhes custou a tarefa.

Uma tirada

E' da *Republica*, que continua a ser para os monarchicos o que o sr. Antonio José d'Almeida era para os republicanos antes do 5 de Outubro:

«..............................

O Directorio não foi eleito pelo Partido Republicano, não lhe reconhecemos, pois auctoridade alguma para em nosso nome falar. E tão pouco permittiremos que se diga que somos nós quem deserta, visto como, fieis ao velho Programma do Partido, defendendo e luctando pela Republica, estamos onde sempre estivemos, não entrando em mystificações attentatorias da linha de conducta que o Partido Republicano sempre seguiu. O Partido está de facto e de direito dissolvido. Não ha cantatas, nem insultos, nem doestos ou ameaças que nos façam perder a serena consciencia do nosso logar. E assim, n'esta hora verdadeiramente amarga, repetiremos, mais uma vez, o que tantas vezes temos dito: a Republica foi feita para todos os cidadãos honrados; venham lealmente, honestamente, para a Republica, todos os que amam a Patria, e venham sem receio de serem enxovalhados pelos novos aristocratas que, de cima dos seus pergaminhos, suppõem que a Republica foi feita apenas para elles.»

Lá isso estar onde sempre esteve, virgula, sr. Antonio José d'Almeida. Cantatas vêmos nós quando affirma a sua fidelidade ao velho programma do partido e que este está de facto e de direito dissolvido. Dil-o o orgão do ex-ministro do Interior. Os factos, porém, mostram-nos inteiramente o contrario. O Congresso votou, por uma grande maioria, que o partido republicano conservasse a sua antiga organisação e por isso era integrando-se n'elle que o sr. Antonio José d'Almeida e todos os outros que com elle fazem causa commum, deviam estar. Mas não. Para o sr. Antonio José d'Almeida os Congressos já não são soberanos. Os republicanos da provincia não lhe merecem conceito, nem as suas opiniões teem já valor. Foi tempo. Agora o sr. Antonio José d'Almeida, com o prestigio que lhe dão os monarchicos, mercê da sua politica de attracção, entende que o caminho deve ser differente do que trilhou antes de 5 de Outubro e n'essa persuasão se afasta, abandonando-nos. Mas sempre a dizer que não, como os defuntos...

Se a Republica foi feita para todos os cidadãos honrados que lealmente a ella queiram adherir!...

No Congresso

Impossibilitados, por varios motivos, d'ir n'esta occasião a Lisboa, foi encarregado de representar *O Democrata*, na grande assembleia do Partido Republicano, o sr. João Nascimento dos Santos, digno membro da direcção do Gremio Luzitano, que fez parte da meza na sessão nocturna de domingo.

Agradecemos-lhe muito reconhecidos.

Tambem lá?

Pelo visto, o sr. Antonio Augusto de Oliveira, que aqui exerceu as funcções de Escrivão de Fazenda, sob o patronato do conde d'Agueda, anda com pouca sorte. Agora são os famalicenses que o não querem, que protestam contra a sua estada lá, accusando-o de pouco ou nada educado e de abusos, que, a serem verdadeiros, não ha duvida que teem de ser punidos e o empregado em questão transferido, como o povo péde em alta grita.

Uma verdadeira peste, o tal sr. Oliveira...

Partido Republicano

O Congresso, reunido em Lisboa, elege um novo Directorio e ao mesmo tempo os outros corpos que lhe são inherentes

DIRECTORIO

Effectivos:

Theophilo Braga, professor e ex-ministro do governo provisorio.

Magalhães Lima, publicista.

Pereira Osorio, advogado.

Correia Barreto, official do exercito e ex-ministro do governo provisorio.

Luiz Filippe da Matta, commerciante.

Substitutos:

Affonso de Lemos, medico.

Sebastião Peres Rodrigues, medico da armada.

José Nunes da Matta, official da marinha de guerra.

José Pinheiro de Mello, commerciante.

Julio Fonseca, medico.

JUNTA CONSULTIVA

Paulo José Falcão, advogado.

Amandio Gonçalves, professor da Faculdade de Sciencias do Porto.

Casimiro Freire, commerciante.

Jayme de Figueiredo, major de artilharia.

José Ferreira Gonçalves, commerciante.

Domingos Frias, advogado.

José Francisco dos Santos, proprietario.

Queiroz Vaz Guedes, advogado.

Abel de Sousa Sebrosa, empregado do commercio.

JUNTA ADMINISTRATIVA

Effectivos:

Izidoro Pedro Cardoso, commerciante.

Joaquim Pessoa, proprietario.

Thomé de Barros Queiroz, commerciante.

Substitutos:

Antonio Alves de Mattos, contabilista.

Macario Ferreira, commerciante.

Domingos Rodrigues Pablo, commerciante.

Erro ou favoritismo?

Dissémos no nosso artigo anterior que houve duas remessas de armamento para esta cidade, pormenorisando a entrada da primeira.

Para a realisação da segunda, foi ella feita em automovel com a presença do Firmino Fernandes, acompanhado por o Antonio Ferreira, indo os dois a Estarreja d'onde regressaram á noute, descendo o carro pela estrada do *Americano*, subindo pela rua da *Fonte Nova* e cortando sempre em frente, veio a parar junto á celebrada taberna do *Manuelsinho d'Harmonica*, onde se apearam, diz o *Casaca, chauffeur*, no seu depoimento, concluindo-se que as 29 pistolas importadas n'essa occasião, fossem levadas para casa do Ferreira, que móra n'aquellas immediações, sendo-lhes dado mais tarde outro destino.

Com os dois, veiu ainda uma das taes personagens, que já tinham trazido a primeira remessa e que todos os implicados n'este caso, sem excepção de Jayme Silva, affirmam não conhecer!

E' extraordinario, mas é rigorosamente certo! Perguntado a Jayme Duarte Silva se era verdadeira a entrada das armas em sua casa, sendo conduzidas para o primeiro andar, declara elle que sim, allegando que se as fez conduzir para cima, foi porque lhe não convinha introduzil-las no escriptorio, onde estavam, entre outras pessoas, o **delegado do Procurador da Republica**, o estudante Elmano da Cunha e o dr. Carlos Barbosa!!

Sobre os pagamentos das remessas, diz o Firmino que o Alberto Catalá fez um, o que este néga, affirmando, porém, aquelle, com toda a convicção e calor ser isso verdade, e outro foi feito pelo Jayme Silva, que é o proprio a confessar *ter descido ao escriptorio, seguido do Firmino e ali deu ao mesmo Firmino o dinheiro para o pagamento das armas e balas, dizendo-lhe que pagasse elle ao homem, pois não o queria tornar a vêr.*

Pelo que temos dito, parece que se limita a quanto referimos, a parte tomada por Jayme Duarte Silva em toda esta infamia, excepção feita á sua constante superintendencia e direcção nos trabalhos e no grupo dos implicados, alguns dos quaes envolvidos por elle, outros por expontanea vontade, como sejam os irmãos Campos, *logares tenentes* e guarda-costas do seu amigo e advogado.

Ha, porém, muitos casos que não foram referidos no processo, incluindo um, alta-

mente importante e que só foi narrado pela testemunha, em conversa, porque o não queria relatado no seu depoimento. O juiz, sobre esse ponto, aliás grave, é que não podia allegar ignorancia, porque n'aquelle instante fôra d'elle posto ao facto.

Eil-o:

O cidadão Manuel Dias dos Santos Ferreira, testemunha offerecida por Jayme Duarte Silva, a titulo de curiosidade, referiu que, tempos antes, regressando do Porto, encontrou na carruagem onde entrára, o dr. Jayme Silva. Conhecidos, conversaram e este disse-lhe naturalmente que vinha para Aveiro. Pouco depois dizia-lhe Jayme Silva, que ia até ás Quintans onde desembarcaria, para ir fallar á Costa do Vallado com o dr. Antonio Emilio, sobre um processo de insvestigação paternal, em que alguem pretendia provar que o mesmo dr. Antonio Emilio, era pae d'uma determinada creatura.

Que elle Jayme, consultado pelo dr. Emilio sobre o caso, e querendo dar-lhe uma resposta segura, fôra ao Porto, d'onde regressava, ouvir a opinião d'um verdadeiro mestre no assumpto.

Esta informação que expontaneamente Jayme Silva, fornecia ao sr. Dias, foi como consequencia de se recordar que este senhor vivendo na Costa do Vallado, teria por certo, de seguir e desembarcar tambem nas Quintans, onde Jayme Silva se dirigia, não só a dar contas ao dr. Antonio Emilio d'alguns trabalhos seus, ultimados no Porto, como para lhe levar o seu quinhão de pistolas, que foram entregues ao Jayme Silva, quando se apeava em Quintans, por Domingos Campos, que lá estava e lhe deu a celebre malinha preta de mão. Como o sr. Dias se apeasse a seguir, Jayme Silva para colorir, com apparencia de verdade, a historia anteriormente referida, perguntou ao Domingos—quando este lhe passava a mala:—é o processo do dr. Emilio? E o Domingos, após um momento de vacillação e comprehendendo, no entanto, rapidamente, que a pergunta era um desfarce, respondia:—sim senhor, é o processo.

O sr. Dias ficou, porém convencido do que se tratava, e mais convencido ficou quando soube, ao expôr o facto, que não existia nenhum processo de investigação, mas sim um outro que nunca saira do cartorio do respectivo escrivão!!!

O Domingos Campos fôra, como se vê, esperar em Quintans, Jayme Silva, porque o encontro e a troca da mala na *gare* d'esta cidade, seria, por certo, reparado, e assim habilital-o a levar armamento ao *general de brigada* da Costa do Vallado, para distribuir á sua gente para d'elle servir-se no momento aprazado.

A referencia a este facto, como acima dizemos, não ficou consignada no depoimento do sr. Dias, porque este não o quiz fazer e especialmente pelo juiz o não interrogar sobre esse ponto.

Referimos, tambem, que o Firmino allega agora que as suas primeiras declarações, foram arrancadas pelos carbonarios e policia que aproveitaram o seu desanimo e desalento para tal conseguirem. Isto é evidentemente falso e foi, com certeza, recado estudado. Outro tanto não diz o Eduardo Barbosa, pois este individuo, a certa altura do seu interrogatorio, declarou, que o sr. Gustavo Ferreira Pinto Basto, tinha em seu poder grande quantidade de armas e que cautellosamente as distribuia pelos seus amigos e pessoas de confiança.

Em vista de tão terminante e clara declaração, o sr. Costa Santos, passou mandado de captura contra o sr. Gustavo. Antes, porém, de elle ser entregue ao respectivo official para se effectuar a prisão, o Barbosa, chamado de novo a corroborar a sua declaração, vacillou e confessa que... não era verdade; que indicára o nome do sr. Gustavo e disséra o resto, inconscientemente, tal era o estado de desorientação do seu espirito!!...

Isto é evidentemente falso, repetimos, pois agora dá-se o contrario com o que succede na parte respeitante ás affirmações do Firmino Fernandes. Barbosa mentiu primeiramente, porque lhe ensinaram isso, mas depois fallou verdade, com receio d'assumir a inteira responsabilidade da sua calumnia.

Lembrou-se o Barbosa, do rifão: *quem aconselha não paga custas*, mas Jayme Silva, primeiro que o Barbosa d'elle se lembrou tambem, e por isso, não perdeu o ensejo, apezar das horas tão amargas que decorriam, d'ensinar o recado ao Barbosa e tentar *encravar*, ao menos por algumas horas, quem elle tanto odiava e sobre quem tanta affronta cuspiu, sem respeito pela sua edade e pelos seus cabellos brancos!!!

Não podemos affirmar se o sr. Gustavo teve conhecimento d'este episodio; o que sabemos é que apenas levantada a incommunicabilidade aos reus, lá foi o sr. Gustavo cumprimentar e saudar *os presos politicos*, incluindo o Manuel d'Oliveira, na pessoa do seu chefe—Jayme Duarte Silva! Grande alma esta do sr. Gustavo, que tão elevado grau de sentimentos abriga!

Tudo o sr. Gustavo esqueceu, mesmo a falsa e infame denuncia do Barbosa se della teve conhecimento, como suppômos, só para lembrar-se dos mandamentos da lei de Deus, um dos quaes impõe: *visitar os enfermos e encarcerados*. E a satisfação d'este preceito tinha para o sr. Gustavo, um sabor dos mais esquisitos: evidenciáva ainda a sua fidelidade á monarchia, porque da Republica... só precisa que lhe processe, mensalmente, a folha do seu... soldo, que não é pequeno!!

CUMPRA-SE A LEI!

Chamamos a attenção da auctoridade competente para o artigo—"Jesuitas de dentro,,—que n'outro logar vae publicado.

E' preciso acabar por uma vez com os abusos que se estão commettendo e que por uma vez acabem tambem as infracções á lei, castigando quem, conscientemente, fóra d'ella sahir.

O Democrata—vende-se em Aveiro, no kiosque da Praça Luiz Cypriano.

CONGRESSO REPUBLICANO

A Lisboa accorreram na ultima semana centenares de republicanos historicos, idos de todo o paiz afim de tomarem parte, como representantes das differentes localidades onde havia organisação partidaria, no Congresso ordinario, que, por virtude da revolução, ficou adiado em abril para os ultimos dias do mez findo.

Foi este congresso dos mais concorridos, pois n'elle tomaram parte passou de 500 congressistas e tambem aquelle em que com a maior independencia e altivez se fallou, embora desconhecidos correligionarios d'hontem e jornalistas pouco escrupulosos o queiram desvirtuar, fingindo que se esqueceram como nos annos antecedentes as sessões costumavam decorrer quando por ventura algum dos chefes tentava desviar-se do verdadeiro caminho.

Houve enthusiasmo? Houve discussão acalorada? Houve manifestações? Mas quando foi que isso se não deu? Nos ultimos congressos era até certo e sabido: ninguem perdoava a fraqueza dos chefes, e d'ahi o haver sempre manifestações de desagrado d'envolta com outras inteiramente oppostas. Só não sabe isto quem não assistiu a essas reuniões annuaes. E comtudo o partido republicano nunca se dividiu. Foi preciso que viésse a Republica, que apparecessem heroes, que na imprensa se introduzissem novos jornalistas para isso acontecer. Não importa. A Republica já não cae porque o povo ama-a e vela por ella. Entendeu o Congresso, entenderam os delegados que a elle foram assistir que era preciso ainda, continuar organisado, como d'antes, o partido republicano, e isso nos consola por ser essa tambem a nossa opinião. Affastaram-se alguns? Pouco importa. Trabalhemos nós; e com o novo Directorio á frente, eleito por um numero de votos superior aos que obtiveram os membros do cessante, prosigamos na nossa rrota com o mesmo ardor e a mesma fé que a todos animava antes de 5 de outubro.

Pela Patria! Pela Republica!

Julgamento

Em audiencia de jury respondeu na segunda-feira, no tribunal d'esta comarca, Daniel de Carvalho, de Azurva, freguezia de Esgueira e que era accusado do crime de homicidio voluntario na pessoa d'um outro individuo da mesma localidade.

Pelo advogadc do réu, que era o nosso amigo e velho correligionario, dr. André dos Reis, foi allegada a legitima defeza, decorrendo o julgamento até ao fim sempre com o maior interesse por parte de todo o publico que enchia o tribunal.

Os discursos tanto de accusação como de defeza, estiveram á altura dos dois intelligentes antagonistas que os proferiram, salientando-se, porém, na argumentação o illustre patrono do réu, que conquistou mais um triumpho no fôro, conseguindo a plena absolvição do seu constituinte.

Associamo-nos aos cumprimentos que um e outro receberam.

NÃO PODE SER?!

Os carreiros d'Aveiro botataram manifesto protestando contra a construcção do ramal do caminho de ferro que ligue a estação com o centro da cidade e aduzindo que esse melhoramento só interessa aos proprietarios das companhias de pesca e commerciantes de sal. Fallam á sentimentalidade do povo em estylo arrogante e depois de ameaçarem o commercio local com o estabelecimento da *boycotage*, concluem por affirmar que esse importante melhoramento não deve ser realisado, como se os interesses d'uma cidade inteira devessem estar dependentes d'essa classe, bastante numerosa, é certo, mas que pode muito bem empregar a sua actividade, porque lhe não faltará aonde, visto quasi todos os seus membros serem lavradores, sem as difficuldades apregoadas, nem tão pouco ser preciso recorrer á caridade publica para sustentar a familia, a não ser que a sua inação seja completa, absoluta.

Convença-se a classe dos carreiros: não é nem hade ser com o seu protesto ameaçador e despropositado que Aveiro deixará de ter um melhoramento porque ha tanto vem pugnando e que é indispensavel fazer-se quanto antes a bem dos seus interesses, representados por todas as classes, dos interesses geraes, portanto, que de forma alguma podem estar sugeitos á boa ou má vontade de tres ou quatro duzias de carreiros.

Aveirenses, cidadãos patriotas: tratemos de nos unir, pondo de parte as paixões politicas, e fomentemos o progresso e engrandecimento da nossa terra!

Parar é morrer.

PELOS MORTOS

Dia de finados.

Fomos hontem, tambem, ao cemiterio e echoam ainda nos nossos ouvidos os soluços dolorosos e profundos, vindos da alma cheia de luto, triturada pela saudade amarga e pela dôr pungente, *magua sem remedio*, pelos que se perderam! Em todos os lares se ergue o altar sagrado onde se evocam as imagens queridas dos que não voltam mais. E n'esse altar, que tem como base o coração e como sacrario a nossa alma, ungidos pelas nossas lagrimas ardentes, vivas como a intensidade da nossa dôr, evocamos e acordamos na nossa mente, as imagens saudosas e queridas dos que nos deixaram.

Relembramos as suas palavras, as suas angustias e os olhares derradeiros com que nos fitaram na hora suprema da sua agonia.

Trazemol-as ao nosso espirito, triturado pelo soffrimento cruciante da sua perda eterna, acordando na nossa alma as suas ultimas palavras, os seus gemidos dolorosos e o nosso nome proferido, entre a saudade e a pena dos que se sentem morrer!

E então tudo é inutil, todos os esforços se desfazem deante do dilemma fatal da natureza—a natureza que traz a insensibilidade e a morte aos que arrebata e que deixa aos que sobrevivem a faculdade da dôr, do pranto e das lagrimas!

Ai de nós se não chorassemos!

E assim, infindas lagrimas fartas e puras, amargas e saudosas, se derramaram abundantes, commemorando os que perdemos! Orvalho divino que nos traz e mantem, acordado na alma, por os que desappareceram, o *acri-dôce* d'uma pungente saudade!

Ai de nós se não chorassemos!

Paivantes & Comp.ª

Na villa de Ovar é feita uma importante apprehensão de armamento, materias explosivas e outros apetrechos de guerra, sendo presas varias pessoas, entre as quaes algumas mulheres

Não resta duvida: os *paivantes* da fronteira encolheram as garras, mas a cambada interna, essa continua a trabalhar esperançada em que ainda não chegou o momento de se dar por vencida, tal a confiança que tem na corja que contra as modernas instituições açolou.

A deligencia que o dignissimo commissario de policia fez a Ovar e os resultados que d'ahi advieram, provam-no exuberantemente. Conspirava-se. Mas graças a uma boa estrella que sempre nos tem acompanhado, essa conspiração acaba de ser suffocada, os conspiradores e seus cumplices presos e parte do armamento de que dispunham os nossos inimigos para o *grande dia*, apprehendido. Ainda bem, ainda bem que o velho partido republicano está attento e se não deixa adormecer sobre os loiros conquistados da victoria.

* * *

Eis do que constou a apprehensão: uma espingarda Mauzer; 6 carabinas Manelicher de cavallaria com 26 carregadores com 5 ballas cada um; uma caixa de 0,m30 de largo, 0,m30 de comprido e 0,m10 de alto completamente cheia de balas de differentes typos; 2 latas de rastilho, que devem conter 300 metros approximadamente; 11 caixas de lata, grandes, com fulminantes para dynamite e 33 cartuchos d'este explosivo, tudo suterrado sob um lagar d'um quintal no sitio de Guilhovae, isto além de grande quantidade de rastilho, uma caixa de lata com cartuchos carregados, 11 pistolas *Browings* e 31 caixas de balas, que momentos antes haviam sido encontradas n'um barracão, dentro da propria villa. Segundo ouvimos as 6 carabinas e respectivos carregadores, parece que fazem parte do roubo ha tempos praticado no regimento de cavallaria 4, em Lisboa, tendo sido detidos para averiguações, Augusto da Costa Pinho, Joaquim Dias de Rezende, Maria do Carmo, Preciosa de Jesus Duarte, Maria Duarte Pereira, padre Manuel Rodrigues Lirio (com esta é a segunda vez que é preso), dr. João Maria Lopes, todos residentes em Ovar, e ainda o padre Leoncio Soares de Pina, de Fajões, Oliveira de Azemeis e Antonio da Silva Ventura, da Palhaça.

Como acima dizemos, a maior parte do armamento encontrou-se debaixo da pedra d'um lagar que nos dizem pertencer a Antonio José Duarte, compadre de Francisco Peixoto, cuja prisão referimos no n.º passado.

Ha quem affirme que os conspirantes de Ovar ainda têm armazenado mais armamento e dynamite sendo por isso de presumir que novas buscas sejam effectuadas assim como ainda outras prisões que se relacionem com o caso.

Pela nossa parte só temos a louvar equelles que tão diligentemente se tem distinguido na defeza da Repnblica, sacrificando-se e trabalhando sem desanimo para a sua consolidação, emquanto os chefes se agatanham por via do penacho.

Viva a Republica!

Livros, Revistas & Jornaes

"Educação Nacional,,

Reappareceu este diario portuense que durante alguns dias achou prudente não sahir á luz da publicidade.

Promette continuar a inserir artigos do sr. Jayme de Magalhães Lima.

"O Concelho de Albergaria,,

Começou a publicar-se em Alquerubim um jornal com o titulo da epigraphe, de que é director o nosso amigo, sr. dr. José Nogueira Lemos.

Longa e prospera vida lhe desejamos.

"A acção republicana militar na provincia,,

Trouxe-nos o correio mais um volume de 66 paginas escripto pelo nosso amigo e velho correligionario, tenente Costa Cabral, e que, como o seu titulo indica, se occupa do papel representado na provincia pelo elemento militar a quando dos preparativos revolucionarios que precederam a implantação da Republica.

Com clareza e verdade, comprovada pelas varias cartas de camaradas que o livro encerra, Costa Cabral dá-nos um trabalho de subido valor e não menos utilidade na parte respeitante a apontamentos para a historia da Republica Portugueza, sendo com viva curiosidade e interesse que o lêmos e devidamente apreciámos.

Ao tenente Costa Cabral os nossos agradecimentos pela offerta, que vamos guardar junto d'aquelle seu outro livro com que commemorou o centenario da Guerra Peninsular.

"Archivo Democratico,,

O n.º 29 d'esta bella revista mensal lisbonense, agora saída do prélo, vem soberbo, tanto na parte artistica como na parte litteraria, o que torna a alludida revista credora de justos encomios, collocando-a a par das suas congeneres, do estrangeiro é claro, pois no nosso paiz não tem competidora.

O n.º a que nos referimos abre com nma photographia, em *separata*, do insigne democrata Anselmo Braamcamp Freire, uma das figuras mais notaveis da Republica Portugueza.

Agostinho Fortes, o conceituado professor, biográpha o retratado; Alves da Veiga, aprecia o labor do padre ante a Republica, Alexandre Barbas discute sobre a situação miseranda do trabalhador rural, Martins Monteiro, traça o que é e o que foi o movimento do 1.º de maio; Antonio Frazão, em versos simples, dá-nos um crédo republicano.

Como sempre, vem muito interessante.

"A Montanha,,

Do proximo domingo em diante principiará a sahir de manhã este interessante diario republicano portuense, dirigido por Bartholomeu Severino.

NOTAS DA CARTEIRA

Esteve em Aveiro, dando-nos o prazer da sua visita, o nosso amigo Raul Feyo, que breve se dirigirá á Beira onde é empregado.

= Regressaram da Costa Nova com suas familias os srs. Francisco Vieira da Costa e Francisco Marques da Naia, que tencionam partir tambem para a Africa.

= Foi passar algum tempo á Beira Alta, conforme o costume em egual epocha do anno, o nosso antigo correligionario, tenente Costa Cabral.

= Regressou de Cêpos, onde passou a estação calmosa, o sr. Julio Martins d'Almeida, professor da Escola Normal.

= Em goso de licença partiu para Villa Franca, o sr. Antonio Maria Beja da Silva, a quem ficará substituindo no commissariado de policia, o sr. capitão Rosa Martins.

Desejamos-lhe bôa viagem e feliz regresso.

= Esteve em Aveiro, o sr. Joaquim Martins, da Oliveirinha.

= Regressou da Guarda, sensivelmente melhor dos seus encommodos, o sr. Joaquim Rei Netto, de Arada.

Jesuitas de dentro...

IV

Não resta a menor duvida de que nós estamos, por toda a parte, rodeados de jesuitas, apezar de os verdadeiros sotainas das congregações religiosas terem sahido do paiz após o 5 de Outubro de 1910. A semente verminosa da seita durante tantos annos lançada á nossa pobre terra, não encontrou, infelizmente, o terreno safaro, não, mas sim adubado, pela ignorancia, de molde a fazer germinar tão perniciosos fructos. Sahiram da nossa patria, é verdade, os odientos congreganistas filhos de Loyola, mas deixaram cá os seus legitimos representantes, já sobejamente industriados, para continuarem toda a sua nefasta obra. E é o que tem feito, principalmente ha um anno, uma grande parte dos ecclesiasticos portuguezes, —desde o patriarca ao simples aprendiz de padre. Esta clase, a quem o povo e o Estado sempre pagaram, é que tem a maior responsabilidade no analphabetismo e na educação jesuitica que tanto tem atrazado esse mesmo povo.

Se, por espirito de classe, —o que nunca foi de presumir—ou de patriotismo, o clero portuguez era liberal, como muitos tonsurados falsamente diziam e faziam crer, nada mais nem melhor tinham a fazer do que denunciar, bem publicamente, todos os manejos retrogrados que descobrissem á reacção, principalmente depois que ella começou de empolgar algumas freguezias, desviando o povo da cathequese dos seus parochos. Mas o que? A maior parte do *nosso bom clero* deixou correr tudo á matroca, contribuindo criminosamente para o embrutecimento do povo, porque já estava identificado com as falsas doutrinas e o espirito reaccionario d'aquella seita. Não pode haver duas opiniões a tal respeito, pois que o facto é, de demasia, evidente. E senão é vêr como quasi todos os padres teem procedido ha um anno.

* * *

Ha outra ordem de jesuitas que não enverga habitos talares, mas sim, farda, toga, casaca, frak ou jaléca, e vestidos de sêda, lã, chita ou riscado; *canastronas e paivantes* que, como aquelles, conspiram só na sombra... Ha-os de todas as formas e em todas as classes, e não são menos perigosos dos que os de corôa. Não é preciso sahir de Aveiro para apontar uns e outros... Apparecem em toda a parte, principalmente nas egrejas, de noute. Quando juntos, falam em segredo; e se desconfiam da pessoa que d'elles se aproxima, calam-se, olham de soslaio, velhacamente, e quasi sempre se desviam. Descobrem-se, ás vezes, pela sua mudez, quando estão em minoria, em algum grupo de liberaes.

E' preciso cautella com estes por que convivem comnosco diariamente. Temol-os em todas as ruas, ouvimol-os a cada momento, posto que *em surdina*, sempre vociferando contra a Republica, as suas leis e os seus principaes vultos, defendendo a sua santa religião, os senhores padres, a monarchia e os conspiradores, (pertencendo elles quasi todos á conjura, os beator-

ros!) de quem confessam ter muita pena. Nem admira: os tratantes teem sempre tratantes a defendel-os.

Uns e outros, quer dizer: os jesuitas de sotaina e os de sobre-casaca, veem por este paiz em fora entrando sobrepticiamente, com pés de lã, em toda a parte; mettendo o nariz em tudo e em tudo mandando; calcando as leis estatuidas sobre as egrejas; esquecendo os primordiaes artigos da Lei da Separação, confiados na bonhomia do nosso povo e na benevolencia ou quiçá descuido das auctoridades. E' vêr os jornaes diarios: um dia, é entregue em juizo um padre por que acompanhou um enterro de vestes sacerdotaes e *quico*; n'outro, é preso um segundo por celebrar um enterramento sem ter os respectivos documentos civis officiaes; n'outro, é preso um terceiro que foi prégar, do pulpito d'uma egreja, ás 10 horas da noute; n'outro, é processado um quarto porque exigiu e recebeu quantias fabulosas por serviços do seu mister; n'outro e n'outros, são presos mais por que disséram missa e fizeram predicas antes e depois da hora marcada por lei para a abertura e encerramento dos templos.

Em Aveiro já varios d'estes ultimos abusos se veem praticando, *á surrélfa*. Na egreja de S. Gonçalo, todos os domingos e dias santificados lá pela *catholica*, abre-se o templo e toca á missa ainda pela noute dentro, succedendo acabar sempre o acto antes da hora official de abrir. Durante todo o mez de setembro tocava ali ás 4 horas para umas praticas quaesquer que acabavam ao romper do dia. Em todo o mez de outubro egual abuso se commetteu na egreja da Gloria, tocando os sinos ás 4 e meia e até ás 4, quando ás 5 é ainda noute feita, escurissima. No presente mez que a *carolice* denominou *o mez das almas*, costuma haver umas rezas funebres, tambem de noite, n'um ou mais templos. Em dezembro é uso fazer as celebres *novenas do menino*, antes de ser dia. Nas egrejas da Gloria e do Carmo é costume realisar-se ás sextas-feiras de tarde a visita ás imagens dos Passos; pois veem *esquecendo* de tal maneira o qŭe diz a lei, que n'aquelles dias toca á visita, nas referidas egrejas, precisamente á hora em que se devem fechar, por completo, os templos! Isto tudo se faz, afóra os jubileus, os exercicios, as predicas, as confissões, as communhões, e... etc., que pelo anno adeante se veem praticando, sempre de noite, á hora em que o povo culto não assiste e á qual pódem afoitamente dar uma punhalada traiçoeira no novo regimen. Sempre a pecha de chamar o povo de noite para as egrejas! E' que a treva é inimiga da luz...

Emfim: por toda a parte a jesuitada de varias especies vem abusando atrevidamente de tudo, e com especialidade, do que determinam, entre outros, os artigos 43, 48, 57 e até 59, da Lei da Separação. Até hoje parece que os liberaes e mesmo as auctoridades civis cá da terra não teem dado por taes e tão importantes infracções. Pois que abram bem os olhos e appliquem a lei, que em todas estas manifestações se vê a seita negra a entrar de novo, em segredo, a pouco e pouco, no seu principal campo de acção de sempre:—a egreja, e a empregar a sua peior arma de combate, para a obcecação,—as confissões e communhões, as rezas e as praticas. Abram todos bem os olhos, repetimos, pois só não vê quem não quer vêr; e appliquem rigorosamente a lei.

* * *

No transacto numero estava em 115 a conta, copiada só d'*O Seculo*, dos benevolos reverendos que têm sido presos desde o dia 1 até 25. Temos a acrescentar desde este dia até 31, mais 2, fazendo agora o total, durante o mez, de 117 apostolos da bemaventurança presente... e futura...

Sinp.

Ponte da Gafanha

E' de toda a conveniencia que sobre esta *ratoeira*, que liga a estrada que vai de Aveiro á Barra, se exerça sempre o maximo de vigilancia, pois tendo sido levantada uma taboa em determinada noite do mez de outubro, só no dia seguinte, tarde, ella foi de novo collocada no seu sitio apezar do cantoneiro das Obras Publicas ter do facto conhecimento, ao que nos dizem.

Não olhem por isso, não, e depois, quando succeder algum desastre, venham para cá alijar responsabilidades que hão-de ser attendidos.

OUTRO TELEGRAMMA

Démos conta no nosso n.º passado d'um despacho enviado de Aveiro, com quatro assignaturas, ao ex-ministro do Interior, protestando contra o desacato de que foi victima no Rocio e hoje mais outro temos a registar subscripto apenas por **cinco** republicanos historicos, dos que nunca se bandearam nem com a monarchia, nem com o *Capirote*, e por consequencia os unicos a quem se lhe pode dar o nome de republicanos.

O telegramma, que transcrevemos do *Correio d'Aveiro*, e a cujos signatarios aquelle jornal não pode chamar, com verdade, além dos cinco, *um grupo de republicanos*, diz assim:

Ex.mo Senhor dr. Antonio José d'Almeida

Redacção da *Republica*

Lisboa

Os signatarios significam toda a admiração e respeito por V. Ex.ª, protestam energicamente contra desacato, confessando-se inteiramente a seu lado.

(aa) *José Marques d'Almeida, Antonio Marques d'Almeida, José Pedro Ferreira, dr. Antonio Fernandes Duarte e Silva, Antonio da Cunha Coelho, Manuel de Souza Lopes, Antonio Rodrigues Pinto, D. Francisco Tavarede, Francisco Migueis Picado, Antonio Ernesto Souto Ratolla, Eduardo Dias Lima, Joaquim Antonio Ferreira, Albino Pinto Miranda, Manuel Pedro da Conceição, João Ferreira Felix, Anselmo Ferreira, Antonio Correia, Roque Ferreira Patacão, Francisco Baptista Coelho, Baptista dos Santos, Agostinho Simões Instrumento, Manuel Laranjo, Joaquim Gamellas Ferreira, Elias dos Santos Gamellas, João Campos da Silva Salgueiro, José Marques Sobreiro, Antonio Abranches Calafate, Henrique da Costa, Mario Baptista Coelho, Augusto Marques d'Almeida, José Neves Ferreira, João Salgado, Jayme Caldeira, Arnaldo Osorio d'Almeida, Carlos Migueis Picado, Manuel Germano Simões Ratolla, Manuel da Cunha Gil, Carlos Couceiro, Antonio Rodrigues d'Oliveira, José João Bolaes Monica, Manuel da Silva Córado, Manuel Fernandes Lopes, Manuel Marques d'Almeida, João Grijó, Antonio Osorio, José Moreira d'Azevedo, Joaquim Ferreira Felix, Jeremias dos Santos Marques, Manuel Fernandes Vieira, Joaquim Ferreira Martins, Alvaro Antonio Rodrigues, José Gamellas Ferreira, Domingos João dos Reis, Francisco Ferreira da Naia, João Pedro de Mendonça Barreto, Leonardo da Cruz Bento, Luiz da Cruz Moreira, João Simão, Antonio Pereira, Gustavo Moreira, dr. João Manuel Martins Manso, Manuel Caetano de Mattos, Antonio Pinho do Nascimento, João Pinho Vinagre, Domingos Francisco Coelho, Alfredo Maria dos Santos Freire.*

Como elucidação aos leitores cumpre-nos accrescentar que os quatro primeiros nomes são os de republicanos *christaceos*, os cinco seguintes de republicanos propriamente ditos e os restantes de homens que enveredavam nos differentes partidos monarchicos, uns por convicções(?) outros por conveniencias, salientantando-se até alguns por ataques dirigidos á Republica e aos que por ella se sacrificavam alevantada e patrioticamente.

Os dignos socios do centro do *corno e da ferradura*, cá estão elles, sr. dr. Antonio José d'Almeida...

Para complemento só faltaram duas assignaturas que podiam muito bem ter sido colhidas: a de Jayme Duarte Silva e a do capitão bandalho, Francisco Manuel Homem Christo.

Ficava assim completo...

DR. AFFONSO COSTA

O seu relatorio apresentado ao Congresso

Após o nosso Congresso do Porto, decorreram os factos mais importantes da sessão parlamentar de 1910, a ultima da monarchia. Ella contribuiu grandemente para a queda dos Braganças. Lutavamos então com todas as forças de reacção, organizadas em torno do ministerio presidido pelo antigo liberal Veiga Beirão, mas de facto simbolizado nas *botas de duas solas* de Dias Costa, o homem das luminarias, o celebre autor do vexame á digna Camara Municipal de Lisboa, no qual tambem colaboraram Cardoso de Menezes, Arthur Fevereiro e outras personagens, que depois deviam ser attrahidas carinhosamente para os cargos de julgadores dos proprios actos dos ministros republicanos.

Dois grandes problemas foram versados pela minoria republicana na sessão legislativa de 1910; a questão Hinton e o caso do Credito Predial. Fui eu que descobri e expuz na Camara a primeira torpeza. Depois de propor baldadamente a discussão do caso em negocio urgente, apresentei o, contra a vontade do governo e da maioria, na parte final de um discurso sobre a questão do bispo de Beja. E uma vez levantada a primeira ponta do véu, não houve meio de abafar o tremendo escandalo, que compromettia irremediavelmente a monarchia e alguns dos seus homens mais representativos, desde o rei e seus ajudantes até certos directores de Companhias então occupados em negocios pouco claros.

Appellou-se para os tumultos nas sessões da Camara, para a propositada falta de numero, para o adiamento intempestivo, para as commissões de inquerito destinadas a illudir a questão, e até, contra mim, para as mais indignas provocações na imprensa fundibularia clerical e progressista, para a ameaça do conflicto pessoal e para o já gasto expediente do duello, tudo com o fim de evitar que proseguisse o debate; mas eu tinha documentos que lançavam luz no assumpto e, em geral, na corrupção do regime monarchico, e fil-os valer no momento proprio, podendo por isso affirmar hoje ao Congresso, com legitimo desvanecimento, que dei por essa occasião um rude golpe na monarchia, que depois havia de ser definitivamente liquidada pelos heroes do Quartel de Marinheiros, do Tejo e da Rotunda, desde os mais falados e com justiça recompensados, até aos mais obscuros, aos anonimos, aos populares que ali deixaram a vida ou a arriscaram em beneficio da Patria.

A questão do Credito Predial, tendo surgido nos tribunaes e nas assembleias da respectiva Companhia, foi tambem levada por mim ao Parlamento; e, como a outra, teria sido logo suffocada, se em nome do Partido Republicano eu não teimasse em a manter na tela da discussão, renovando a proposito de tudo e impedindo por todas as fórmas que outros assumptos se lhe sobrepuzessem.

Essas duas questões, que tambem tratei seguidamente na imprensa, determinaram afinal a queda do governo e dos seus appoios reaccionarios, como primeiro lance da queda da monarchia. A chamada ao poder, *á contre coeur*, dos elementos regeneradores e dissidentes ainda apressou o descalabro, porque logo provocou a formação de um *bloco* predial reaccionario, que nas suas investidas atacava principalmente a corôa. As eleições foram assim, e mediante a nossa propaganda, os augmentos de votações republicanas nos grandes centros e o alargamento da nossa minoria parlamentar, a indispensavel *base moral* da Republica.

Esse periodo final da vida do regime monarchico foi bem uma agonia vergonhosa. Dispersão definitiva das ultimas aggremiações politicas reaccionarias, abandono das posições de combate, desalento, fuga cobarde, suicidio, em summa, eis o espectaculo que a monarchia nos deu! E ainda hoje ha miseraveis que pretendem restaural-a!

Terminada a Revolução, em que tive a honra de tomar parte, escolhendo para mim e propondo para dois outros dirigentes dos trabalhos revolucionarios a comparticipação n'um serviço que parecia o de maior risco—a prisão e a guarda do rei—e procurando insistentemente collocar-me em condições de contribuir para o desempenho desse mandato, fui aclamado pelo povo como ministro da justiça do governo provisorio da Republica.

Nas primeiras horas, não estando ainda presentes todos os meus collegas, tive de trabalhar por quasi todos—e assim me coube por acaso a honra de telegraphar para o mundo inteiro a boa nova da proclamação da Republica e o seu programma minimo, de realização immediata, baseado nos principios do partido e em votações unanimes dos nossos congressos.

Pela minha parte procurei cumprir esse programma, não tendo encontrado difficuldade alguma, antes cooperação inteligente e decidida d'aquelles dos meus collegas que mais podiam occupar-se comigo dos assumptos da minha pasta. E' de justiça absoluta especializar o snr. dr. Bernardino Machado, cuja obra democratica é verdadeiramente digna da gratidão do povo portuguez.

Na observancia rigorosa dos nossos principios, nunca pretendi formar, nem ajudar outrem a formar partido que dividisse o organismo republicano. Pelo contrario, repeli com insistencia e com ponderosos argumentos as centenas de solicitações que me foram feitas n'esse sentido, algumas por parte de pessoas que depois haviam de combater a minha obra com facciosismo, talvez por não terem sido acceitos alvoroçadamente os seus offerecimentos pessoalistas. Nunca fiz nomeação fóra do partido republicano e da vontade das suas commissões—é escusado acentual-o; e tambem não fiz nomeações para criar adeptos, soccedendo até que alguns dos correligionarios mais beneficiados pela pastas da justiça, foram dos que se apressaram a voltar-se, não digo contra mim, porque isso não podia causar estranheza, mas contra as leis mais republicanas, emanadas do ministerio com que deviam ficar identificados como funccionarios collocados em posto de confiança. Nunca, finalmente, intervim, directa ou indirectamente, em quaisquer trabalhos eleitoraes, na escolha ou rejeição de candidaturas.

E se alguma vez levantei a voz, como ministro ou como deputado, foi sempre para pregar a união, a conservação do partido republicano historico até que se consolidasse definitivamente a Republica. Tinha annunciado nos congressos de Setubal e do Porto este meu proposito de não contribuir para a divisão, só util aos monarchicos e só tentadora para os mediocres, ávidos de materialidades, desprezadores dos principios. Cumpri o lealmente, até ao fim, não poder e como membro da Assembleia Nacional Constituinte. Atravez de calumnias e de injurias, de provocações e ameaças, que chegaram, infelizmente, dentro dos arraiaes republicanos, ao que não tinham nunca attingido durante a monarchia, eu cumpri, repito, e disso estou certo, o meu dever de não desunir o partido, nem faltar aos seus principios basilares. Na festa brilhantissima que no theatro de S. Carlos me foi offerecida pelo commercio, industria e povo de Lisboa, nas homenagens colossaes do Porto e na recepção enthusiastica de Braga, todas dedicadas, não ao homem mas ao representante do governo e da Republica, eu préguei sempre, sempre, a união do partido.

Quando pude tomar parte nos trabalhos da Assembleia Constituinte depois da minha doença, o meu primeiro grito que soltei foi «União»—«União»! Infelizmente elle não encontrou echo onde o devia ter, o os factos ahi estão, recentes, para documentar o procedimento de cada um, atribuindo lhe os louvores ou as censuras que merecem, ao menos quanto baste para que não se reincida em erros graves, e se mantenha firmemente a unidade partidaria, sem prejuizo da autonomia dos grupos de estudo e propaganda de doutrinas mais ou menos avançadas, todas cabendo dentro dos principios partidarios, e não prejudicando a consolidação da Republica.

Tal é, nas suas linhas geraes, o meu procedimento como deputado. O congresso julgará em sua soberania.

Lisboa, salas do congresso republicano, 29 de outubro de 1911.—O deputado republicano, *Affonso Costa*.

UMA PERGUNTA

Poder-nos-hão dizer quando começa a ser observada a Lei de Separação em Aveiro?

Um amigo, muito indignado, e com razão, escreve-nos a dizer que ainda ante-hontem percorreu as ruas da freguezia da Gloria, vindo de Villar, um enterro com acompanhamento completo, não lhe faltando os padres vestidos a rigor, isto é, conforme uzavam antes de ser posta em execução a nova lei.

Realmente não entendemos isto. Ainda ha pouco foi entregue em juizo um padre que, n'uma povoação rural, acompanhou um enterro com vestes talares, como atraz dizemos, e aqui, em Aveiro, n'uma cidade, terra onde tanto se falla em liberalismo, por ser patria de José Estevam, ninguem quer fazer caso de semelhante atropello!

Mas então que lei é esta? Será uma segunda edição da do *Joaquim Pereira*?

Esperamos que nos expliquem o caso.

Descanço nas pharmacias

Mappa das que se encontram abertas nos dias de domingo abaixo designados:

NOVEMBRO	
DIAS	PHARMACIAS
5	AVEIRENSE
12	REIS
19	MOURA
26	LUZ

Veio tomar conta do cartorio do quarto officio, em consequencia de se achar preso, como conspirador, o seu substituto, João Luiz Flamengo, o sr. Leandro Souto, antigo escrivão de direito d'esta comarca, que, consta, o encontrou n'um cahos.

Sessão da Commissão Administrativa Municipal d'Aveiro, de 25 de outubro de 1911.

Presidencia do cidadão Manuel Augusto da Silva. Compareceram os vogaes José da Fonseca Prat, Vicente Rodrigues da Cruz, Manuel Rodrigues Teixeira Ramalho, Sebastião Pereira de Figueiredo e Pompilio Simões Souto Ratolla.

Lida e aprovada em minuta a acta da sessão anterior, foram presentes e deferidos os requerimentos de:

Manuel Simões Picado, da Povoa do Valado; José Simões Maio, de Arada; José Branco, da Quinta da Pêga; João Simões d'Oliveira, da Povoa e Augusto Rodrigues dos Santos, da Preza; todos para construcções, ebem assim:

A petição da Camara Municipal de Oliveira de Azemeis para entrada do menor indigente Antonio Ribeiro Leite, no *Asylo-Escola Districtal*;

A dos habitantes de Requeixo sobre a expropriação amigavel de um terreno pertencente a José da Thereza, de Verba a fim de o utilizarem na construcção d'um caminho, que irá da estrada de S. Bento a Nariz até ao Ramal, expropriação que o cidadão Alfredo Francisco Braz, proprietario, da Povoa do Valado, paga á sua custa e que n'este mesmo acto ficou ajustada, nos termos da petição, por se reconhecer de absoluta conveniencia para aquelles povos e para o municipio;

A de Manuel Rei, morador em Sá, para a modificação da fachada do seu predio da mesma rua, indeferindo, todavia, a parte respeitante á não aplicação da multa em que incorreu, e que a camara mantem nos termos da sua deliberação anterior por haver construido sem licença.

A camara ouviu em seguida a exposição do seu presidente relativa á sua ida a Lisboa, por motivo da deliberação anteriormente tomada, exposição que plenamente a satisfez e pela qual tomou conhecimento do estado lisongeiro em que se encontram os assumptos que ali o levaram: o contracto para o emprestimo que a camara deseja contrair para a conclusão das obras do *Asylo-Escola*; a fixação das unidades da guarnição militar da cidade; o abastecimento do azeite, e ainda a vinda de um rebocador para o serviço de transportes da barra, congratulando-se por vêr colaborar n'este importante serviço publico os deputados da região e especialmente o dr. Barbosa de Magalhães, que tomára a seu cuidado o andamento das negociações, acompanhando constantemente a commissão.

O vogal Pompilio Ratola propôz n'esta altura, e a camara assim o deliberou apesar do protesto do seu presidente, satisfazer de sua conta as despezas que o mesmo presidente havia feito com a sua ida á capital, attendendo a que as suas circumstancias lhe não permitem fazel-o do seu bolso, e que foi em beneficio publico que sacrificou o seu trabalho e as suas commodidades indo n'esta occasião a Lisboa.

Foi ainda presente uma declaração do antigo presidente do municipio, cidadão Gustavo Ferreira Pinto Basto, de que para a construcção d'um coletor de esgoto, na rua de S. Bartholomeu, d'esta cidade, havia adquirido, em 910 150,m de lagedo ao preço de 320 réis cada um, por contrato com Manuel João Vinagre, da Taipa, que foi quem por menor preço se comprometteu a fazer o fornecimento; que essa importancia estava por satisfazer, e as medições haviam sido feitas por technicos municipaes, o encarregado dos serviços Carlos Mendes e o mestre d'obras Manuel Barbosa, que a camara n'esta occasião ouviu, bem como os barqueiros condutores d'aquelle material, sendo todos concordes com aquella declaração, em virtude do que a camara a tomou na consideração devida para incluir a sua importancia no futuro orçamento municipal;

A nota dos saldos em poder do thesoureiro e que são da quantia de réis 524$494 pertencentes ao *Asylo-Escola* e a de 428$542 réis ao municipio;

Tres participações de infracções regulamentares, feitas por zeladores municipaes e de que a camara ficou inteirada.

A camara tomou depois as seguintes deliberações:

Suspender, por o seu trabalho não corresponder ao necessario, todos os cantoneiros municipaes, substituindo-os por quem melhor se desempenhe do cargo, quando e onde seja necessario que elles vão;

Entregar ás respectivas familias as asyladas Leonarda da Conceição Gomes e Maria da Conceição Gomes, por inobservancia de varias disposições do regulamento asylar;

Proceder á compra de enxergas e mais objectos necessarios para as duas secções do mesmo asylo;

Arrendar os frutos das arvores e parreiras do convento de Jesus, e bem assim a casa onde esteve a repartição de pesos e medidas na Praça Luiz Cypriano;

Representar á *Commissão dos monumentos nacionaes* para que do muzeu municipal não seja retirado qualquer objecto que a elle deva pertencer, pois consta haver tenção de levar alguns para o Muzeu Nacional de Lisboa;

Proceder aos reparos de que carece a estrada do Bomsuccesso á Quinta do Picado; e

Officiar á Companhia do Valle do Vouga pedindo-lhe a cedencia d'um terreno por ella expropriado no logar da Horta, e de que já não prencisa, para poder alargar o caminho municipal que alli passa.

A camara resolveu, por fim, lançar n'esta acta um voto de profundo sentimento pela perda do navio de guerra portuguez *S. Raphael*, communicando a resolução ao sr. ministro da marinha.

Necrologia

Chega-nos a noticia de ter fallecino principio da semana, na Oliveirinha, o estimado negociante sr. Antonio Nunes Pereira.

Era o finado um excellente chefe de familia, possuidor d'um lidimo caracter e acrisoladas virtudes pelo que a sua morte foi muito sentida e o seu enterro assaz concorrido, encorporando-se n'elle quasi toda a freguezia.

A todos quantos o pranteiam e especialmente a seu sobrinho, nosso amigo e correligionario sr. Manuel da Cruz Manuelão, o nosso cartão de pezames.

=Morreu tambem n'esta cidade, victima do garrotilho, uma interessante creança, filha do sr. Antonio dos Santos Lé, acreditado industrial.

Era ainda nova e por isso avaliamos o quanto deve ter sido duro o golpe soffrido pelos estremosos paes, a quem acompanhamos na sua dôr.

CORRESPONDENCIAS

Pará, 16 de outubro

Causou optima impressão no seio da colonia caciense aqui residente, um communicado inserto no *O Democrata* de 22 de setembro ultimo em que eram visados alguns *paivantes* de Cacia, tidos por conspiradores e prevenindo os republicanos d'ali para que estejam vigilantes.

Não ha duvida; pois infelizmente ainda ali existirem *thalassas* que é preciso combater.

= No dia 13 do corrente, quando um carroceiro da limpeza publica descarregava o lixo da carroça, encontrou, embrulhado em jornaes, o cadaver d'uma creança do sexo masculino com o craneo fracturado sem que até agora se saiba quem praticou tão hediondo crime.

= No dia 14, pelas 2 horas da tarde, andando em reparação de obras, o *Hotel Primavera*, ao largo de Sant'Anna, desabou o tecto e telhado, ficando debaixo dos escombros 4 pessoas: dois operarios, um d'elles com um braço fracturado e os restantes mais ou menos contundidos. Eram todos portuguezes.

O proprietario do hotel é natural da Murtoza.

=O governo brazileiro auctorisou o despacho, livre de direitos, ao mobiliario vindo de Portugal pelo vapor inglez *Hildebran* para o consulado portuguez n'este Estado.

A extincta monarchia deixou este consulado tão pobre, que, segundo consta, nem ao menos um livro para registo de nascimento ali se encontrou, sendo preciso os republicanos portuguezes abrir uma subscripção para aquisição do mobiliario, isto devido á grande consideração e sympathia que impera na colonia a favor do actual consul, o sr. dr. Emilio Correia do Amaral, a quem a Republica deve assignalados serviços, pois tem sido incansavel no congraçamento e democratisação da colonia portugueza.

= O *Gremio Litterario Portuguez*, festejou o 44.º anniversario da sua fundação, no dia 29 de Setembro ultimo, inaugurando n'esse mesmo dia o retrato, feito a oleo, do sr. Theophilo Braga, que foi collocado no logar de honra da sala das sessões.

A offerta é d'uma senhora portugueza.

= A *Tuna Luzo-Caixeiral*, levou a effeito, no dia 4 do corrente, um baile em commemoração ao 1.º anniversario da Republica Portu_

gueza, presidindo á sessão o sr. dr. Emilio do Amaral, consul portuguez, tendo como 1.º secretario o sr. Darwim Lobo, representante da *Benificente Portugueza* e 2.º o sr. José Paes, representante da *Liga Portugueza de Repatriação.*

Achavam-se representados tambem, o *Centro Republicano*, o *Vasco da Gama* e o *Gremio Litterario.*

Depois de ter feito uso da palavra o sr. dr. Emilio do Amaral e outros oradores, foi inaugurado o retrato do sr. dr. Manuel d'Arriaga com uma estrondosa salva de palmas.

C.

Vagos, 1

Ainda d'esta vez sou obrigado a escrever a correspondencia d'esta terra para o *Democrata*, na impossibilidade do meu amigo *João de Vagos.*

O orgão dos reaccionarios, o celebre *Correio*, dos Mendes e padres, referiu-se no seu n.º ultimo á correspondencia de Vagos para este jornal com aquelle modo insolito e grosseiro, tão peculiar aos seus escribas.

Não merecem uma palavra taes gazeteiros; discutir com a gente do reaccionario *Correio* é trabalho baldado, tanto mais que os seus testas de ferro são creaturas completamente desconceituadas na opinião publica.

E de tal especie são as creaturas do *Correio*, que miseravelmente se aproveitam d'um desgraçado *José João*, ou *João José*, para lhe apanharem a assignatura para correspondencias cheias de falsidades e calumnias.

Segundo nos affirmam, as actuaes cartas do *José João* são escriptas por um *Galeno* d'uma povoação nossa visinha, que exerce clinica contra as disposições da lei.

Recommenda-se o abuso a quem competir, tanto mais que o *Galeno*, com poucos doentes, é o primeiro a impar de basofia e a pedir constantemente justiça.

Emfim estes politicos de má morte não sentem rebuço de se colligarem com ferrenhos franquistas, para conseguirem negocios prejudiciaes ao Estado.

D'esta natureza é o caso das aguas do passal de Sôza, em que infelizmente o sr. Governador Civil procedeu d'uma maneira que foi desagradavelmente commentada e que mereceu reparos tambem da *Liberdade.*

Para terminarmos esta correspondencia, diremos que os conhecidos reaccionarios assentaram arraiaes na politica do *blóco.*

E' caso para enviar condolencias ao sr. Antonio José de Almeida.

Barbadão.

Cacia, 1

Alguns republicanos, dos que se sacrificaram n'outros tempos pelo seu ideal, enviaram agora ao ex-ministro da justiça e grande parlamentar, sr. dr. Affonso Costa, o seguinte telegramma:

Dr. Affonso Costa

Lisboa

Os republicanos radicaes de Cacia por intermedio dos cidadãos que este subscrevem, saudam em V. Ex.ª o estrenuo promulgador das leis liberaes do paiz, appoiam a proposta das multas, que só teem o defeito de serem por de mais benignas e protestam contra a attitude dos bloquistas, muito principalmente contra aquelle que os inspira ultra reaccionariamente.

(aa) *João Affonso Fernandes Albino Ribeiro.*

= Após uns dois dias de bom tempo voltou hontem a chuva acompanhada tambem de algum frio, o que não é lá das melhores coisas.

= Por carta vinda do Pará sabemos que a commissão ali constituida para tratar dos melhoramentos a introduzir n'esta freguezia e que é composta dos srs. José Maria Tavares, Sebastião Martins das Silva, Francisco Pereira da Silva e J. J. Nunes da Silva, deliberou com alguns nossos conterraneos propôr á camara a substituição dos nomes das ruas, d'esta maneira:

No logar de Cacia: do Apeadeiro ao largo do Cuval—*Rua da Republica.* Largo do Cuval—*Largo 5 de Outubro.* Do Cuval a casa do fallecido professor regio—*Rua Vasco da Gama.* De casa do fallecido Manuel do Mestre, pelo Santo Antonio aos Carrellos—*Rua de José Estevam.* A rua do fallecido Manuel Ruco á Parracha—*Rua Pedro Alvares Cabral.* Do Espirito Santo a casa do fallecido Manuel Carvalho—*Rua 1.º de Dezembro.* Rua Nova (estrada)—*Rua 31 de Janeiro.* Do largo do Cuval ao Azervein, na estrada—*Rua Luiz de Camões.*

Logar de Sarrazolla: rua Direita, do Cuval ao Miranda—*Rua Miguel Bombarda.* Viella do Campo, desde a capella—*Rua João Chagas.* Viella do Pedaço—*Rua da Constituição.* Viella da Fonte, desde a capella de S. Bartholomeu ao Apeadeiro—*Rua Candido dos Reis.* Viella da Egreja, desde a fonte—*Rua da Amargura.* Do Cruzeiro ao Apeadeiro—*Rua Marquez de Pombal.*

Logar da Quintã: Das Barrócas a casa do fallecido brazileiro —*Rua Manuel de Arriaga.* Das Barrócas, lado S. Simão, até á ultima casa no caminho de Taboeira—*Rua da Paz.*

São dignos dos maiores louvores aquelles que, mesmo longe, se lembram da sua terra pugnando pelo seu progresso, como está dando provas a colonia caciense do Pará e Lisboa.

= Enfermou a veneranda mãe do nosso presado amigo, sr. dr. Marques da Costa, tendo vindo vel-a o abalisado clinico do Porto, dr. Souza Junior.

Fazemos votos pelas suas melhoras.

C.

Castello de Paiva, 28 de outubro

Não sabemos se os presos que foram para Aveiro são, ou não, conspiradores.

O que sabemos e podemos asseverar, é que um d'elles foi ao logar de Nojões, no dia da feira, 11 de março de 1908, de cacete em punho, com o fim de evitar a nomeação e installação da commissão municipal republicana, acto a que se procedeu logo no dia 15. O caceteiro tentou aggredir dois republicanos, insultando com palavriado um d'estes, de quem tem hoje todo o apoio!.... Deixar uma repartição ao abandono para praticar semilhantes factos, é um descredito para as instituições vigentes. Depois da Republica e na fallada repartição onde um respeitavel cavalheiro se queixou d'um *cacique* monarchico, o caceteiro disse não consentir que se fallasse do seu amigo!

Se isto não é conspirar, não sabemos o que são conspirações...

= Na proxima passada sexta-feira, iamos com direcção á villa, quando, proximo da celebre Fructuaria deparámos com um grupo de creanças, trazendo uma d'estas uma bandeira nacional.

Apezar d'alguns passos que nos separava das innocentes creanças, pudémos conhecer a tristeza que as acompanhava, e logo démos um viva é Republica, que foi correspondido em altos gritos pelo grupo, que satisfeito e com as lagrimas nos olhos, nos disséra: que vinham da aula e percorrendo a villa com a sua bandeira, foram postos fóra ao mesmo tempo que no espaço echoavam morras á Republica e vivas á monarchia!...

= Não sabemos se se procede contra os implicados na desordem que teve logar no dia 22, no sitio de Santo Chão, n'uma taberna a trasbordar de freguezes...

Srs. mandões de Paiva! Haja cuidado! Que nos não succeda o mesmo que succedeu ás abelhas que S. Pedro levava debaixo do... braço...

C.

Pinheiro, 30 de outubro

Principiou a publicar-se em Alquerubim um novo semanario republicano intitulado *O Concelho de Albergaria*, tendo por seu director o cidadão dr. José Nogueira Lemos, administrador do concelho de Albergaria-a-Velha.

Apresenta-se bem redigido, denominando-se democratico, litterario e noticioso, tendo por collaboradores, rapazes que estão animados do maior enthusiasmo, boa vontade e merecimentos.

Ao novo paladino, agouramos-lhe um futuro largo e prospero.

= Encontram-se a veranear na praia da Torreira os seguintes cidadãos d'este logar: Antonio Fernandes da Moita, Adriano Marques, Silverio Marques e as familias dos srs. Manuel Agostinho e Manuel de Barros, tendo já regressado o nosso amigo José Abreu, commerciante.

= Segundo consta vamos aqui ter consultas na pharmacia, pelo distincto clinico sr. dr. Lourenço Peixinho, de Aveiro. Brevemente serão annunciadas ao publico, para quem ellas representam um valioso serviço.

= Encontra-se doente o nosso amigo dr. Juiz Antonio Tavares Xavier, importante capitalista das Azenhas.

Desejamos o seu rapido restabelecimento.

= Tambem guarda o leito com um violento ataque de gotta, o cidadão Antonio Barreto do Amaral. Que se restabeleça em breve, são os nossos sinceros desejos.

= Vão em via de restabelecimento as doentes operadas ha pouco pelo habil clinico, dr. Lourenço Peixinho.

= E' consideravelmente sentida a falta do professor na escola do sexo masculino de S. João de Loure. Pedimos ao digno sub-inspector escolar urgentes providencias.

C.

DECLARAÇÃO

A hora a que já não pôude ser inserta n'outro sitio, recebemos a seguinte:

O abaixo assignado declara que não é elle o individuo que figura com o nome de Antonio Correia no telegramma enviado d'esta cidade ao sr. dr. Antonio José d'Almeida.

Faz esta declaração porque não assignou nem seria capaz de assignar, attento o seu espirito verdadeiramente republicano, esse telegramma.

Antonio José Correia.

ANNUNCIOS

Arrematação

(2.ª PUBLICAÇÃO)

No dia 19 de novembro proximo, por 11 horas da manhã, no tribunal judicial d'esta comarca, e na execução hypothecaria que José Monteiro Telles dos Santos e mulher, d'esta cidade, movem contra D. Antonia Vasques de Souza Prado, auzente em parte incerta, e Daniel Simões Arroz e mulher Maria José Martins, da Palhaça, aquella viuva e estes paes do originario devedor, Alipio Simões Martins ou Alipio Martins Arroz, vae á praça para ser arrematada por quem mais offerecer sobre a avaliação, umas casas de um andar, quintal com arvores de fructo e mais pertenças, sitas no Largo da Feira, do logar e freguezia da Palhaça, avaliadas em 350$000 réis.

Por este meio são citados quaesquer credores incertos para uzarem dos seus direitos.

Aveiro, 25 de outubro de 1911.

Verifiquei,

Regalão

O escrivão,

Francisco Marques da Silva.